

Alfabetização em escolas públicas da região das Vertentes: análise dos níveis de escrita e produção de texto de alunos do primeiro ano do ensino fundamental

Maria do Socorro de Alencar Nunes de Macedo

Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutora pela University of London - King's College. Professora adjunto III da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e pesquisadora da área de letramento e alfabetização. Vice-Coordenadora do Mestrado em Educação da UFSJ.

socorronunes@ufs.edu.br

Flávia Aparecida Mendes de Oliveira Cruz

Graduanda em Pedagogia, bolsista de iniciação científica e participante do grupo de pesquisa de Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

flaviamocruz@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo mapear e analisar os níveis de escrita e a produção de texto dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas da região das Vertentes. Os dados relativos aos alunos foram coletados por meio de duas atividades, um ditado e uma produção de texto, aplicadas a todos os alunos que ingressaram no primeiro ano do ensino fundamental dessas escolas nos anos de 2007 e 2008. Após as análises dos dados, os resultados foram categorizados e contrastados. Na análise do ditado, foi constatada a ausência de escritas silábicas e a predominância de escritas ortográficas. Na produção de texto, os alunos demonstraram compreensão da atividade proposta e apresentaram trabalhos legíveis.

Palavras-Chave: alfabetização; letramento; escrita.

1- Introdução

Como os alunos têm se apropriado da escrita nas escolas municipais da região das vertentes? Quais as etapas que caracterizam o processo de alfabetização e quais os níveis mais comuns encontrados no primeiro ano do ensino fundamental? Qual o índice de crianças que não se apropriaram da natureza alfabética da escrita? Qual a imagem que o aluno produz do interlocutor de seu texto? Que marcas dialógicas o seu texto revela sobre as estratégias para atingir seu objetivo com a produção escrita? Ele tem clareza de para que, para quem está escrevendo e em qual situação? Essas e outras questões foram analisadas no desenvolvimento desta pesquisa, que tem por objetivo mapear e analisar os níveis e processos de aquisição do sistema de escrita pelos alunos do ensino fundamental, compreendendo a faixa etária de seis anos de idade.

Compreendemos a alfabetização como o processo de aquisição da tecnologia da escrita que inclui não apenas a compreensão do princípio alfabético e domínio da ortografia, mas também dos usos e funções da escrita na sociedade (SOARES, 1998). Portanto, defendemos que a alfabetização na escola deva ocorrer na perspectiva do letramento (SOARES, 1998; MACEDO, 2001).

Segundo Ferreiro, “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural [...], cumprindo assim funções sociais”. A criança inicia suas práticas de escrita antes mesmo do período de escolarização; a escrita está presente em seu cotidiano, nas relações, enfim, nos mais diversos contextos. Por meio de sua própria observação, do contato com diversos materiais impressos e a prática de escrita e leitura feita pelos adultos, a criança “busca compreender a natureza da escrita, vai descobrindo as propriedades dos sistemas simbólicos ao longo de um processo construtivo” (1993, p. 43).

Qual a importância de se mapear e analisar os níveis de alfabetização de alunos de escolas públicas que cursam o

primeiro ano do ensino fundamental? Estudos recentes (BATISTA *et al.*, no prelo; MORAIS, 2005) têm investigado os processos de aquisição da escrita visando o mapeamento e a compreensão desse sistema pelas crianças de escolas públicas de Minas Gerais e de Recife, respectivamente. É nessa perspectiva que esta pesquisa tem lugar.

A alfabetização ocupa lugar central no debate sobre educação escolar no mundo, por várias razões: índices elevados de fracasso escolar (fracasso no processo de alfabetização), nível de letramento considerado insuficiente para garantir a continuidade do desenvolvimento socioeconômico de um país, novas transformações tecnológicas e industriais, sociais e culturais nas sociedades contemporâneas.

Ferreiro (1993) afirma existir “um processo de aquisição da linguagem escrita que precede e excede os limites escolares” (p. 44) e que “estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da escrita começa muito antes da escolarização” (p. 64). As crianças mesmo sem serem alfabetizadas visualizam a todo o momento a escrita e identificam os diversos materiais impressos; assim sua função de leitor não se reduz ao conhecimento de letras.

Como afirma Silva (2008), além de promover o “acesso à leitura e escrita”, a escola deve promover a formação de leitores e produtores de texto, ou seja, alfabetizar na perspectiva do letramento. Para que essa apropriação ocorra, não basta ter uma alfabetização centrada em atividades de codificação e decodificação, uma vez que ela deverá estar relacionada às variadas práticas de letramento.

A partir das pesquisas de Ferreiro e Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita no fim dos anos 80 e início dos anos 90, surge uma nova maneira de pensar o processo de alfabetização, chamado de construtivismo. Esse novo olhar desloca-se dos métodos de ensino para o processo, isto é, como se dá a aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2000). As pesquisas de Ferreiro e Teberosky tinham como

foco “revelar e interpretar as hipóteses elaboradas pela criança no processo de construção do conhecimento sobre a escrita” (MACEDO, 2001, p. 19). As pesquisadoras nomeiam esse processo como uma construção evolutiva na qual a criança constrói hipóteses acerca da mesma, evidenciando os seguintes níveis de escrita: pré-silábico, silábico, silábio-co-alfabético e alfabético.

Como aponta Coutinho (2005), no nível pré-silábico as hipóteses da criança ainda são restritas, ainda não fazem relações da escrita com a fala. A escrita é, para as crianças, muito ligada ao objeto que a representa. No nível silábico, ela já começa a relacionar a escrita com a pauta sonora da fala; ela tende a usar uma letra para cada sílaba. Já o nível silábico-alfabético é um momento de transição, aproximando-se da escrita alfabética, que se caracteriza pelas relações que as crianças já conseguem fazer “entre grafemas e fonemas” e o que a escrita representa (2005). A fonetização da escrita seria o momento em que a criança começa a relacionar a fala com a escrita, acontecimento iniciado no nível silábico. No nível alfabético o aluno consegue fazer relações entre fonemas e grafemas, mesmo que possa ter “problemas de transcrição de fala e cometa erros ortográficos” (COUTINHO, 2005).

De acordo com o pensamento de Aquino:

[...], o sujeito que aprende passou a ser visto como um sujeito cognoscente, ativo e competente linguisticamente, capaz de construir seu conhecimento na interação com o próprio objeto de conhecimento. A mudança no foco da psicogênese mostrou um novo elemento: as crianças tinham idéias sobre a escrita muito antes de serem autorizadas pela escola a aprender (2008, p. 2).

Macedo (2001) afirma que “os sujeitos que vivem numa sociedade letrada” estão em constante interação com o mundo da escrita em diferentes contextos; a escrita assume diferentes funções de acordo com as necessidades do sujeito. Por ser a escola uma das principais agências de letramento (o letramento escolar), torna-se sua função primordial alfabetizar e letrar simultaneamente. Nesse senti-

do, a aprendizagem da leitura e da escrita ultrapassa aquilo que chamamos de “codificação e decodificação do sistema de escrita”. Ferreiro denomina o processo de construção da escrita como uma “produção de marcas gráficas” envolvendo também a interpretação dessas marcas em “diferentes graus de complexidade” (1993, p. 79).

Para a análise dos textos produzidos pelos alunos, baseamos-nos no referencial de Bakhtin e de autores que se fundamentam em sua perspectiva enunciativa. “Para a palavra (e, por conseguinte, para o homem), nada é mais terrível do que a irresponsividade (a falta de resposta)” (BAKHTIN *apud* LEAL, 2005, p. 53). “Se nada esperamos da palavra, se sabemos de antemão tudo quanto ela pode dizer, esta se separa do diálogo e se coisifica” (BAKHTIN *apud* MACEDO, 2005, p. 55).

Como afirma Geraldí:

Na situação escolar, o aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estabelecidos; além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor é o único destinatário do texto. Consciente disso, o aluno escreverá segundo o gosto do professor. Fica implícito que o estudante aprende a escrever para atender aos interesses da autoridade, do superior, do culto, da instituição e deixa de ser o verdadeiro sujeito do seu discurso. O caráter artificial desta situação dominará todo o processo de produção da redação, sendo fator determinante de seu resultado final (2006, p. 128).

A produção de texto “é o ponto de partida (e de chegada) de todo processo ensino/aprendizagem da língua” (GERALDI, 1997, p. 135) e “para produzir um texto é preciso que:

- a. se tenha o que dizer;
- b. se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c. se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d. o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz (ou, na imagem [...]);
- e. se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (p. 137)”.

A metodologia dessa pesquisa articula dados quantita-

tivos com dados qualitativos. Tal perspectiva metodológica vem sendo aprofundada por Macedo desde 2000, quando iniciou o programa de pesquisa sobre alfabetização, letramento escolar e interação em sala de aula.

Os dados quantitativos possibilitam que se faça o mapeamento e a análise dos níveis de escrita construídos pelos alunos, possibilitando-nos interpretar (qualificar) as hipóteses que caracterizam cada ano do ciclo inicial. Permitem ainda a análise de semelhanças e diferenças na escrita dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental, mostrando como se dá o desenvolvimento dessa escrita.

Os dados qualitativos possibilitaram investigar hipóteses dos alunos acerca dos níveis de leitura e escrita, tomando como base a análise dos textos e produções escritas de uma amostra dos alunos que participaram do processo de pesquisa. Focou-se nos indícios acerca das hipóteses dos alunos sobre a conceituação do sistema de escrita.

A pesquisa foi dividida em duas etapas. Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário, na primeira etapa, aos professores alfabetizadores participantes do Programa de Formação Continuada de Professores do Campo das Vertentes (PROEXT). Nesse questionário observou-se o nível de escolaridade, o tempo de profissão e de trabalho diário, os materiais que utilizam em sala de aula, os livros didáticos adotados pela escola, os critérios de escolha e as opiniões acerca desses, entre outros itens. Foram apresentadas questões relativas à prática dos professores em sala de aula, com perguntas de múltipla escolha e discursivas, tendo como objetivo analisar como se dá essa prática. Os dados do perfil dos professores foram analisados em relatório por Lucena e Macedo (2008).

Os dados relativos aos alunos foram coletados por intermédio de duas atividades, um ditado e uma produção de texto, aplicadas a todos os alunos que ingressaram no primeiro ano do ensino fundamental de escolas da região das vertentes, nos anos de 2007 e 2008.

O ditado foi feito com onze palavras pertencentes a um

mesmo grupo semântico, material escolar: lápis, borracha, caderno, régua, estojo, lapiseira, cola, mochila, tesoura, caneta, livro. Foi solicitado aos professores que pronunciassem-nas naturalmente.

Na produção de texto foi pedido aos alunos que escrevessem sobre “as coisas que mais gostavam de fazer nos finais de semana”. Eles deveriam imaginar que estavam escrevendo para alunos de outra cidade, convidando-os para um programa de final de semana. Esses textos foram produzidos individualmente e entregues sem qualquer correção. Foram analisadas as produções de textos de alunos de uma escola de Resende Costa, uma de Dores de Campos, uma de Itutinga, uma de Bom Sucesso, uma de Madre de Deus, quatro de São João del-Rei. Os dados foram coletados com a ajuda dos próprios professores.

A análise dos dados foi feita em dois momentos: análise do ditado e, em seguida, da produção dos textos dos alunos. Para proceder à análise do ditado digitamos todas as palavras solicitadas, preservando a grafia dos alunos, e contabilizamos o número de atividades por escola. Analisamos e categorizamos cada uma das palavras do ditado de acordo com os níveis de escrita apontadas por Ferreira (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética). Houve necessidade de criarmos subcategorias dentro das fases da escrita apontadas por Ferreira em sua pesquisa, pois muitas palavras não se enquadravam em nenhum nível de escrita mencionado pela pesquisadora, como é o caso daquelas que apresentavam fonetização já na fase pré-silábica; por exemplo, para a palavra “LÁPIS” o aluno escreveu “LEILAIRL”.

Devido à existência de casos significativos de escritas que não se enquadravam em nenhuma fase de escrita, decidimos conceituá-las como “outra categoria”. Como exemplo, citamos alguns alunos que fizeram o ditado utilizando a letra inicial de cada palavra: para a palavra “RÉGUA” foi utilizada a letra “R”; para “BORRACHA”, a letra “B” etc. Outros copiaram dos próprios objetos suas respectivas

marcas, ou seja, para a palavra “LÁPIS” escreveram “LABRA” e para “BORRACHA”, a palavra “MERCUR”.

Como critério estabelecido na metodologia da pesquisa, a falta de acentos ortográficos não foi considerada erro, ou seja, consideramos ortográficas as palavras escritas corretamente, faltando apenas o acento. Devido às especificidades encontradas nas palavras do ditado e ao fato de nossa metodologia diferenciar-se da aplicada por Ferreiro, tivemos muitas dificuldades para classificar as palavras segundo os níveis de escrita encontrados por essa pesquisadora.

As categorias de análise da produção de texto das crianças foram classificadas em: produção *legível* (textos ortográficos ou alfabéticos) e *não legível* (textos em que predominavam escritas silábicas e pré-silábicas). Após as análises, montamos o perfil relativo ao processo de aquisição da escrita de cada uma das escolas das cidades escolhidas da região do Campo das Vertentes.

Os resultados serão apresentados em duas etapas. Primeiramente, por meio de tabelas e análise delas, o mapeamento dos níveis de escrita encontrados no ditado dos alunos das escolas de Resende Costa, Itutinga, Bom Sucesso, Dores de Campos e São João del-Rei, contrastando os resultados por cidade. Em seguida, apresentar-se-á a análise da produção de textos.

No ano de 2008, após a primeira etapa do projeto, foram apresentados resultados parciais da pesquisa por Lucena e Macedo (2008) num relatório de iniciação científica no qual foi tratado o perfil dos professores do Programa de Formação Continuada de Professores do Campo das Vertentes (PROEXT). Destacamos aqui alguns aspectos do perfil. Foram analisados dados de 45 professoras dos municípios participantes. Observou-se que a maioria delas eram graduadas em nível superior (71%), sendo que algumas estavam em processo de graduação (15,5%).

Constatamos que apenas 13,5% das professoras tinham formação de nível médio e detinham grande experiência em

educação, sendo que 75 % trabalhavam com alfabetização há mais de seis anos; 89% trabalhavam em apenas um turno, diferindo dos dados coletados sobre o perfil de professores, indicando que a maioria trabalha em jornada dupla (MACEDO & MORTIMER, 2006; MACEDO & SESSA, 2006). Tais professores relataram utilizar em sua prática pedagógica materiais diversificados, principalmente na atividade de alfabetização. Apontaram também diversos desafios enfrentados durante o processo de alfabetização, entre eles a heterogeneidade da turma e a falta de apoio da família.

E como mais uma das variáveis que interferem nesse processo, foi ressaltada a importância de se oferecer programas de formação continuada, principalmente na área de alfabetização. Os profissionais também destacaram diferentes temas que poderiam ser abordados na formação: processo e métodos de alfabetização, leitura, escrita e interpretação, enturmação (homogeneidade, heterogeneidade), importância do papel do professor etc.

2- Resultados

2.1- Contrastando os resultados do primeiro ano do ensino fundamental na atividade do ditado

Apresentamos os dados coletados das seis cidades da região das vertentes referentes às categorizações das palavras do ditado e da produção de texto dos alunos da fase introdutória. Para melhor situar o leitor, mostramos o total de alunos de cada cidade da região das Vertentes participante da pesquisa.

Tabela A

Total de alunos por cidade

Cidades	Bom Sucesso	Dores de Campos	São João del-Rei	Madre de Deus de Minas	Resende Costa	Itutinga
Total de alunos	62	66	150	19	120	25

Para melhor visualização dos resultados, as palavras foram organizadas em duas categorias: não legível (para as palavras que apresentam os níveis de escrita pré-silábico, silábico e outros) e legível (para aquelas referentes aos níveis silábico-alfabético, alfabético e ortográfico).

Tabela B

Categorização por palavra (%) - cidades do Campo das Vertentes

Categorias	Bom Sucesso	Dores de Campos	São João del-Rei	Madre de Deus de Minas	Resende Costa	Itutinga
	(¹ escola)	(¹ escola)	(⁴ escolas)	(¹ escola)	(¹ escola)	(¹ escola)
Legível	96,05	70	74,02	50,7	67	86,9
Não legível	0,31	27,8	14,25	37,8	22,8	8,7
Não escreveram	3,87	2,2	11,73	11,5	10,2	4,4
Total	100	100	100	100	100	100

Observamos que o nível de escritas legíveis dos alunos em quase todas as cidades está acima de 67% - percentual considerado alto em se tratando do primeiro ano do ensino fundamental (crianças com seis anos de idade). Nota-se que a cidade com predominância de escritas legíveis foi Bom Sucesso, que obteve um total de 96,05% dos alunos com esse tipo de escrita. A cidade que apresentou maior ocorrência de palavras não legíveis foi Madre de Deus de Minas, com um índice de 37,8%.

A tabela a seguir destaca os dados de São João del-Rei, que apresenta a maior quantidade de escolas, num total de quatro. Os dados são agrupados tomando-se como base as categorias de Ferreiro e Teberosky e a inclusão da categoria fonetização inicial, encontrada por nós em escritas pré-silábicas.

Tabela C

Categorização por palavra (%) - Escolas de São João del-Rei

Categorias	Tomé Portes	Maria Tereza	Garcia de Lima	Emboabas
Pré-Silábico	4,3	3,8	1	27,3
Fonetização inicial	6,6	4,5	3,5	5,4
Silábico	6,4	1,8	5	45,5
Silábico-alfabético	18,8	9,3	17,7	21,8
Alfabético + ortográfico	49,3	67,5	72,7	0
Não escritas:	14,5	13	0	0
Total	100	100	100	100

Os dados confirmam a tendência à produção de escritas alfábéticas e ortográficas pela maioria dos alunos de São João del-Rei, com exceção da escola Emboabas, cujos alunos ainda não dominam a natureza do sistema de escrita. O destaque dado à fonetização inicial das palavras tem o objetivo de evidenciar a heterogeneidade presente nos processos de aprendizagem dos alunos e a dificuldade de enquadrá-los em uma única categoria. O processo de construção da escrita é dinâmico e não linear; uma criança com escrita pré-silábica pode apresentar indícios de fonetização e outra não.

2.2- Contrastando resultados do primeiro ano do ensino fundamental na atividade de produção de texto

Neste tópico analisamos os dados referentes aos textos produzidos pelas crianças. A proposta era a de que os alunos produzissem um texto para alguém de outra cidade, convidando-o a passar o final de semana. O texto deveria indicar as atividades que o aluno mais apreciava como for-

ma de lazer. As categorias estabelecidas eram: *legíveis* e *não legíveis*. Uma terceira categoria surgiu no decorrer das análises, uma vez que percebemos que muitas das produções eram escritas na forma de lista, um tipo de texto hoje muito comum nas práticas de alfabetização.

Para a análise das produções de textos dos alunos, cujo objetivo é encontrarmos as marcas deixadas por eles nesse tipo de trabalho, partimos das pesquisas de Macedo (2005); nelas a pesquisadora também analisa essas marcas nas produções de textos no espaço escolar em escolas municipais de Belo Horizonte. Alguns exemplos das marcas encontradas nas produções de texto dos alunos são apresentados em anexo.

Tabela D

Dados referentes à produção de texto por cidade

Categorização por texto (%) - Cidades do Campo das Vertentes

Categorias	Bom Sucesso	Dores de Campos	São João del-Rei	Madre de Deus de Minas	Resende Costa	Itutinga
Legível	66,2	44	68,39	84,2	70,8	64
Não legível	4,8	54,5	23,23	10,5	18,4	24
Não escreveram	29	1,5	8,38	5,3	10,8	12
Total	100	100	100	100	100	100

Observa-se, pela tabela, que a cidade com o maior índice de textos legíveis foi Madre de Deus de Minas, com 84,2%, diferentemente do que aconteceu em relação ao ditado, quando essa mesma cidade apresentou o menor índice de palavras *legíveis*. Isso significa que as crianças tiveram desempenho melhor na produção de textos, o que nos surpreende, pois a maior parte delas geralmente escreve com mais facilidade palavras ditadas.

A cidade que mais apresentou escritas *não legíveis* foi Dores de Campos, correspondente a 54,5%. Pensamos que a baixa porcentagem de escritas não legíveis da cidade de

Bom Sucesso refere-se ao fato de 29% dos alunos não terem produzido textos.

Observamos que cinco das seis cidades pesquisadas apresentam um índice de mais de 64% de escritas legíveis, confirmado a tendência observada na produção de palavras do ditado. Ou seja, as crianças apresentam alto desempenho na escrita de palavras e de textos considerando-se que ainda estão no primeiro ano de escolarização.

Tabela E

Produção de texto dos alunos das escolas de São João del-Rei

Categorização por texto (%) - Escolas de São João del-Rei

Categorias	Tomé Portes	Maria Tereza	Garcia de Lima	Emboabas
Legível	72,5	68,5	77,8	0
Não Legível	20	25	0	100
Não-escritos	7,5	6,5	22,2	0
Total	100	100	100	100

Pode-se afirmar que na escola Tomé Portes a maioria dos alunos escreveu textos legíveis (72,5%), o contrário da escola Emboabas (0%) em que nenhuma das produções pode ser compreendida. Além disso, a tabela acima evidencia que a maioria dos alunos das escolas municipais de São João del-Rei que participaram da pesquisa está escrevendo legivelmente, apresentando índices acima de 68,5%.

Tabela F

Quantidade de textos escritos pelos alunos em forma de lista

**Categorização por texto em forma de lista
Escolas do Campo das Vertentes**

Categorias	Bom Sucesso	Dores de Campos	São João del-Rei	Madre de Deus de Minas	Resende Costa	Itutinga
Número total de alunos	62	66	150	19	120	25
Forma de Lista	4,5%	0%	8,8%	5,5%	8,3%	0%

A partir das análises dos dados referentes às produções de texto, observou-se quantidade significativa de alunos que escreveram seus textos em forma de lista, baseando-se no modelo escolar que tem sido utilizado com bastante frequência nas ultimas décadas: aos alunos são propostas atividades, tais como a escrita de lista de palavras (com ou sem campo semântico definido), ditado de palavras, lista de nomes próprios, entre outras. A maioria dos alunos que escrevem textos em forma de lista o fizeram de forma legível, como se observa no exemplo em anexo (produção 6).

Observamos que o maior índice de produção de texto em forma de lista ocorreu na cidade de São João del-Rei (25,9%) e o menor índice, em Bom Sucesso (3,2 %) e Dores de Campos. Em Itutinga esse índice foi nulo. Cabe ressaltar que entre as cidades apresentadas foi analisada somente uma escola, exceto São João del-Rei, que possui quatro escolas. Assim optamos por fazer uma análise à parte com o objetivo de contrastá-las.

Tabela G

Total de textos escritos em forma de lista por alunos de São João del-Rei.

**Categorização por texto em forma de lista
Escolas de São João del-Rei**

<i>Categorias</i>	Tomé Portes	Maria Tereza	Garcia de Lima	Emboabas
Número total de alunos	40	92	18	5
Forma de Lista	16,2%	5,8%	7,1%	0%

Nota-se que a maior ocorrência de textos em forma de lista foi na escola Tomé Portes e o menor índice, no Maria Tereza; na escola Emboabas esse índice foi nulo.

Uma análise mais apurada de uma amostra dos textos produzidos pelas crianças evidencia que embora tenha havido produções em que escreveram o texto listando pala-

vras, não seguindo a forma de produção de texto indicada na atividade, a maioria delas escreveu conforme o orientado; assim, percebe-se que houve compreensão, pela maioria, do que foi pedido no enunciado.

A análise mostra também que elas sabiam “o que, para que e para quem estavam escrevendo” (MACEDO, 2005). Produções em que as crianças escreveram o nome do amigo a quem as estavam enviando e/ou assinaram o próprio nome, inseriram data e mês evidenciam o conhecimento do gênero textual - no caso, a carta - e a presença das marcas de “letramento escolar” (MACEDO, 2005).

Encontramos produções que representam todos os níveis de escrita pesquisados por Ferreiro. Foi surpreendentemente encontrar produções praticamente ortográficas de crianças que demonstravam estar na fase alfabetica ou silábi-co-alfabética na atividade do ditado, o que evidencia a variação das hipóteses de uma mesma criança, de acordo com a atividade proposta. Assim, em uma mesma atividade, o aluno pode revelar duas ou mais hipóteses de escrita.

Constatamos também produções de crianças que durante o ditado escreveram as palavras todas separadas, obedecendo ao espaço estabelecido para cada uma delas e na produção de texto reuniram as palavras como se fossem uma só, ou seja, não conseguiram segmentá-las, talvez pelo fato de estarem acostumadas somente com esse tipo de atividade e pelo fato de, no ditado, a professora falar pausadamente.

Muitas crianças fizeram a atividade do ditado e deixaram em branco a produção de texto ou somente escreveram uma palavra. Seria por falta de compreensão da proposta? Ao fazerem o texto em forma de lista, separaram as palavras com hífen, usaram vírgulas, aspas, separaram frases com traços, utilizaram dois pontos, pontos de interrogação, acentos em geral, demonstrando conhecimento dos sinais de pontuação, embora não dominassem essas regras; demonstraram também terem tido contato com outros textos em que essas marcas estiveram presentes.

O uso de “era uma vez” no início do texto e da palavra

“fim” ou “para sempre” representam marcas típicas do letramento escolar. A palavra “fim”, presente nas produções escritas,

ao contrário de significar para o seu leitor que o texto ali se encerra, pode estar sinalizando para um outro lado da questão, isto é, sabendo que não há respostas possíveis, ali tudo se fecha, [...], não há espaço para um diálogo. (LEAL, 2005, p. 55).

E esse espaço dialógico é desfeito; na maioria das vezes os alunos produzem para serem avaliados.

Encontramos a presença do pronome em primeira pessoa em várias produções – “Eu (nome do aluno completo) gosto [...]”, “Eu (nome completo), aluna da escola [...].” Macedo também encontrou esse tipo de marca em várias produções analisadas em sua pesquisa, afirmando se tratar de “um recurso discursivo que evidencia que o aluno coloca-se como sujeito de seu processo” (2005, p. 272) e também como autor de seu próprio texto.

Muitos alunos, em vez de escreverem, produziram desenhos para responder à atividade proposta. Qual o significado disso? Pode ser que a professora os tenha orientado a agir daquela forma ou que talvez eles ainda não tenham conseguido redigir textos. Pelo que analisamos, as crianças devem ser ter sido orientadas pela professora a desenhar, uma vez que a maioria delas escreveu alfabeticamente na atividade do ditado.

3- Considerações finais

A primeira constatação a que chegamos refere-se à ausência significativa de escritas silábicas por crianças em processo de alfabetização. Esse tipo de escrita foi tratado por Ferreiro (1981) como o início do processo de fonetização da escrita pela criança, ou seja, quando a criança começa a estabelecer a relação entre a fala e a escrita. Essa percepção é de fundamental importância para que ela avance em seu processo de alfabetização e chegue ao domínio da natureza alfabética do sistema de escrita.

Pelo que pudemos observar de nossos dados, nas escritas das crianças na atividade do ditado, da qual se esperaria um alto índice de escritas silábicas, não há evidências de quando ela inicia o processo de fonetização nem revela elementos da sua consciência fonológica (MORAIS & LEITE, 2005). Nossa hipótese é a de que a metodologia formulada por Ferreiro difere bastante da que elaboramos. Essa autora analisou produções em situações de entrevistas nas quais se pedia às crianças que escrevessem as palavras e depois as lessem em voz alta. Isso mostra a intervenção do entrevistador na produção da criança.

No caso de nossa pesquisa, pedimos que os professores não fizessem intervenções e deixassem que os alunos produzissem “espontaneamente”. Dessa forma, nossas análises contrastam com as de Ferreiro e nos possibilitam questionar se realmente os níveis encontrados pela pesquisadora revelam o processo de conceitualização espontâneo da criança ou é resultado de uma produção em situações controladas de pesquisa.

Outro fato constatado é o de que a maioria das crianças produziu escritas alfabéticas já no primeiro ano do ensino fundamental. Esse tipo de escrita é esperado ao final do ciclo de alfabetização, ou seja, no terceiro ano de escolarização. Fica para nós a interrogação acerca dos processos anteriores de escolarização que levaram as crianças a esse nível de compreensão da escrita ou ainda acerca de suas práticas de escrita no grupo social em que estão inseridas.

Na produção de texto os alunos demonstraram ter compreensão da atividade proposta, apresentaram trabalhos bastante legíveis e também conhecimento e domínio do gênero textual solicitado - carta. Apresentaram-se como autores do próprio texto, já que na produção utilizaram o pronome na primeira pessoa, sabiam o que, para que e para quem estavam escrevendo, pois redigiram para outros interlocutores. Usaram também regras ortográficas, ainda que não as dominassem, evidenciando o fato de te-

rem tido contato com outros textos em ambiente escolar e em outros.

Mesmo que a escola limite a formação do produtor de textos como sujeito que tem voz ativa, muitos alunos tendem a extrapolar esses limites impostos, declarando autonomia ao fazer uso da escrita em diversos contextos. Assim, esse espaço dialógico se constrói à medida que esse sujeito passa a ter voz, onde existe interação entre locutor e interlocutor e, concomitantemente, construção de significados.

4- Referências

AQUINO, S. B. de. O trabalho com consciência fonológica na Educação Infantil e o processo de apropriação da escrita pelas crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu - MG. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita.

FERREIRO, E. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Reflexões sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2004.

COUTINHO, M. de L. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, A; ALBUQUERQUE, E. & LEAL, T. (Orgs.).

Alfabetização: apropriação do sistema alfabético. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47- 69.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. *Os significados do letramento*. 7. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 1995. p. 15-61

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 252 p.

_____. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006. 136 p.

LEAL, L. de F. V. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: ROCHA, G.; VAL, M. da G. C. (Org.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito autor.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 52-83.

MACEDO, M. S. A. N. Desafios da alfabetização na perspectiva do letramento. *Presença Pedagógica.* Belo Horizonte, v. 7, p. 17-23, 2001.

MACEDO, M. do S. A. N. *Interações nas práticas de letramento:* o uso do livro didático e da metodologia de projetos. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 306 p.

MORAIS, A. G; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? In: ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. *Alfabetização de jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 59-76.

MORAIS, A. G. Consciência fonológica e metodologias de alfabetização. *Presença Pedagógica.* Belo Horizonte, v. 12, n. 70, p. 58-67, 2006.

SILVA, M. do C. Práticas de alfabetização no ciclo do ensino fundamental: o que os alunos aprendem? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu - MG. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 125 p.

Literacy in public schools in the region of Vertentes: analysis of the level of writing and text production of students from the first year of elementary school

Abstract

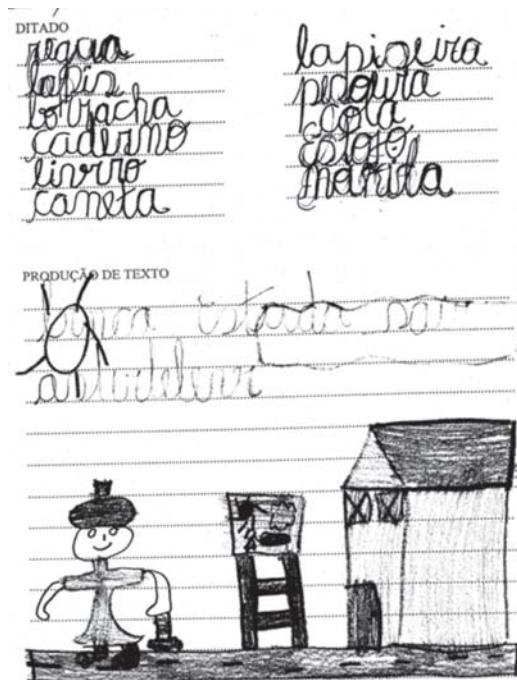
This research aim was to map and analyze the levels of writing and text production of students from the first year of the elementary school in public schools from the region of Vertentes. The data referring to the students were collected by two activities, a dictation and a writing which were applied to all the students who entered the first year of elementary school in the years of 2007 and 2008. After analyzing the data, the results were categorized and contrasted. In the analysis of the dictation it was verified the absence of syllabic writing and the predominance of orthographic writings. In the text production, the students showed understanding of the proposed task and presented legible works.

Keywords: reading and writing, literacy; text production.

Artigo recebido em: 17/10/9
Aprovado para publicação em: 4/11/9

5- Anexos

Produção 1. No ditado o aluno encontra-se no nível de escrita alfabético e na produção de texto usou mais desenhos do que escrita.



Produção 2. A aluna inicia sua produção de texto colocando o nome do interlocutor, nesse caso uma amiga, e termina assinando seu próprio nome, assumindo o papel de locutor e demonstrando conhecer o gênero textual do tipo carta. Ela sabe que tipo de texto está escrevendo, para quem e em que contexto escreve. Percebe-se o uso de sinais de pontuação, tais como: dois pontos, ponto final e de interrogação.

PRODUÇÃO DE TEXTO

As coisas que eu mais gosto de fazer no final de semana

MARIAMA:

EU GOSTO DE IR NA PRAIA
COM A MINHA MÃE E COM O MEU PAI.
MEU IRMÃO E COM O MEU PAI.
QUANDO EU FOR AI VOCÊ VAI
MADAR COMIGO?
NOS VOMOS AÍ MAS FERIAS.
UM ABRAÇO DE SUA PRIMA.

ISIS

Produção 3. O aluno demonstra estar em dois níveis de escrita diferentes em uma mesma atividade. Nota-se que no ditado ele está alfabetico e no texto, pré-silábico. Faz uso de ponto final e vírgula.

DITADO

ERA	LAPEZERA
JAPIÉ	TECORA
NORAKA	COLA
CARÉDO	ESTOJA
LEVO	MOCILA
CANEWEVEU	

PRODUÇÃO DE TEXTO

VL GO DO É VISICA DOLA MPA A
 A GODID É VETICA VIUECAVESA
 ME CODALE É SECA VIUEVOLACO!
 ME AFESLALDE ESATO UVALUVNI
 UM GOLASAT E CO MONASIL
 A NOLASICO I GOMO NEEELAI
 ISEI LOMONÉ MANO ESLAI
 E NA A S-N O E NOMAKOLA
 O MERO F ULO NO KO
 NA ZAMASLVEI FORA AE
 NO NO NO I AES ALA NO C
 AO NOMU MZ E LALDAI
 A NO LACASLACA LEOA

Produção 4. No ditado essa aluna encontra-se no nível alfabetico; apresenta texto legível, usa data para sua produção significando conhecer esse tipo de gênero textual, além de frases como “Era uma vez...”, “Ela viveu feliz para sempre”, evidenciando que produz uma história e coloca-se como personagem de um gênero textual também conhecido, o conto de fadas.

ESCOLA: Município de Rondonópolis - MT
 SÉRIE: 1º ANO
 NOME: LAÍSSA
 DATA: 13 de Setembro de 2008
 * DITADO

LGA	LARZOPRA
LAÍSSA	TEPZORAM
BORÁCA	COLA
BAFENO	ESTOJO
LIVRO	MOCILA
CANTATA	

* PRODUÇÃO DE TEXTO

DATA: 14 de Setembro de 2008
 AS COISAS que mais gosto de fazer
 no final de semana

Era uma vez uma menina sumida
 LAÍSSA Era noiva de cén man
 ELA passava o dia de la ELA btp
 CAVA COAMICOS DE LA ELA vivia muito
 peris se pôr vopasi ELA veveu
 aelis paraopepmi

Produção 5. Ao usar o pronome em primeira pessoa, o aluno coloca-se como autor de seu próprio texto. Observa-se o uso de ponto final e vírgula.

PRODUÇÃO DE TEXTO
EU PABLO EU PABLO SAMUEL RODRIGUES
SOARES GOSTO DE JOGAR VIDEO-GAME
E JOGAR BOLA E VER TELEVISÃO
E) DE ESTUDAR , PASSEAR E
ANDAR DE CARRO E B BRINCAR DE CARRINH

Produção 6. O aluno produziu um texto listando as coisas que gosta de fazer nos fins de semana sem utilizar o modelo convencional de texto.

PRODUÇÃO DE TEXTO
BOLA
BONECA
CAFALO
CAFIRGEZA
PA FARMÁ
AT SITLA REO
MATERA
AVADA
BISILETA
TERA
PLAQUROLA
ROBI
LABE